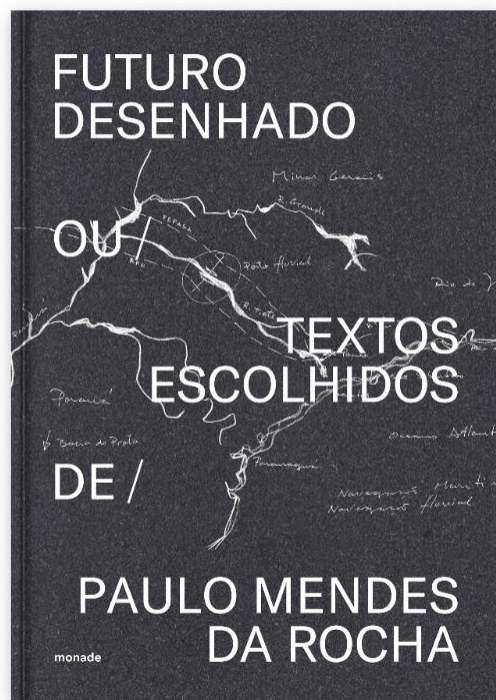


monade



ÚLTIMOS DIAS! Desconto especial de pré-venda  
Até quarta-feira, 31 de Outubro

## **Futuro Desenhado / Paulo Mendes da Rocha**

Futuro desenhado é um percurso pela condição moderna, da nossa vida nas cidades, da América, do território novo e do velho continente, da visão e do desenho como ferramenta essencial da construção do futuro. Na mais completa coletânea de textos, entrevistas e depoimentos publicada, este livro revela em profundidade o percurso e o pensamento singular de um dos mais importantes arquitectos vivos, o mestre moderno brasileiro Paulo Mendes da Rocha (n. 1936).

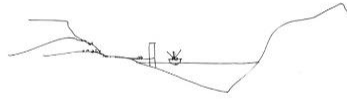
Edição Daniela Sá, Guilherme Wisnik, João Carmo Simões

Para saber mais, [aqui](#).

**Encomende em Pré-Venda -20%**



## Arquitetura como uma forma peculiar de mobilizar o conhecimento



Baía de Vitória, Espírito Santo, 1993

MB Vamos começar conversando sobre sua relação com a cidade de Vitória.

Quanto às minhas origens capixabas, podem-se considerar duas dimensões. Primeiro, eu de fato eu nasci lá, a família da minha mãe é de Vitória, uma família de engenheiros. Mas há também um outro nível, o das memórias: uma visão, desde criança, da pujança da natureza e dos engenhos humanos.

Vitória é uma cidade que possui uma grande parte do seu território urbano conquistada do mar. Uma cidade energética, que trabalha pelo fragor das docas, uma cidade sempre em trabalho. A ideia de "sempre" é muito bonita, porque desde criança inauguro na minha mente uma noção de trabalho que não tem horário. Os navios, por razões técnicas da navegação, às vezes descarregam às três da manhã ou zarpam à meia-noite e meia. Quer dizer, o porto é uma usina iluminada permanentemente, o que nos remete à ideia do universo, do mundo, com seus horários e fusos horários. Quem navega não tem hora, não é? Eu consegui perceber essas coisas desde pequeno: a visão fabril da nossa vida.

Se você me permitir insistir na ideia de educação e formação, eu diria que fui formado com essa convicção, ou essa esperança de que os homens podem transformar uma beleza original em uma beleza desejada. Uma beleza necessária para que a vida apareça e se instale nos recintos urbanos.

MB A beleza do projeto que encanta havia uma natureza dada, que se pode reconhecer e transformar em outro discurso, outra possibilidade?

No caso, a ideia de natureza não é a de uma natureza puramente para se contemplar. É uma natureza que se revela belíssima porque ela coincide em alguns aspectos com projetos que você tem na mente, de instalações humanas, habitações, estradas, cais de acostamento para embarcações, coisas que não existem propriamente na natureza, mas que, quando o homem a observa e acha aquilo belíssimo, é porque já consegue vê-la como parte do seu projeto: isto é, como parte das transformações que fará. Quer dizer: um lugar propício. E a baía de Vitória é, desde a sua origem, um lugar assim, um modelo para instalações. Mas é uma pena, porque essas coisas se perdem. Por exemplo, pouca gente hoje em Vitória sabe que o Glória, o antigo cine Glória, é o nome de uma embarcação heroína, uma caravela

**"Você nasce e sabe que vai morrer. E por que você não fica desanimado? O que é essa animação? É essa certeza de que não nascemos para morrer; nascemos para começar."**

Quer dizer: de São Paulo, do Brasil.

Um lugar extraordinário, do ponto de vista da arquitetura, é, na minha opinião, o recinto do Ministério da Educação (MEC), no Rio de Janeiro. Pois o seu encanto está na passagem do público por dentro do edifício, como se a cidade pudesse ser toda assim: andasse por dentro do construído, num pavimento de larga extensão e com um pouco de jardim. Um exemplo interessante são os nomes que damos aos eventos da natureza, no Rio de Janeiro: o morro dos Dois Irmãos, o Sofá da Gávea, o Pão de Açúcar. Quer dizer, estamos arrumando a casa, não é? Um pãozinho, um sofá, os dois irmãos... E a cidade parece surgir sozinha.

Mas aqui na América, nós teremos, inexoravelmente, que construir cidades: no Tocantins, no Araguaia, no Pantanal, no Pacífico... E essas cidades não vão mais se inaugurar com casinhas, igrejas e uma cadeia na praça central. As primeiras obras, agora, terão de ser a conformação do território de um modo novo. Assim, há que se pensar, para essas cidades, uma geometria estrutural diferente daquelas chamadas "cidades históricas".

I-S Você tem muitas obras construídas, como casas e escolas, mas suas imagens são geográficas: a configuração do território de um modo novo.

Para nós, é muito estimulante a ideia de que o que faremos pode nunca ter sido visto antes. Isso não é uma banalidade tola diante da perspectiva de sucesso, é algo muito instigante. Por exemplo: a questão do jardim. Nesses países em que as cidades surgiram em meio à natureza ampla, a ideia de jardim é muito surpreendente. Quer dizer, não é que os nossos jardins tenham simplesmente escapado de um desenho formal e compositivo. Esse jardim, o do Burle Marx me dá a impressão de que seria impossível de ser imaginado antes da existência do avião, com a possibilidade de vermos a paisagem adoçada pela distância, em que os rios assumem seus meandros, e as manchas de vegetação, com claros e escuros, cabem nos olhos. Áreas imensas de paisagem cabem no seu olhar, de modo que você possa reproduzir de certo modo aquilo lá. Isso não tem nada a ver com o jardim japonês, nem com Le Nôtre, o paisagista francês. Gosto muito do trabalho do Burle Marx, e da presença dele no nosso discurso. Um homem que imaginou desenhar um jardim brasileiro que não fosse naturalista, com uma visão

de abstração quanto ao que seria um desenho outro na paisagem, por uma simples questão de ótica: manchas nítidas, botânicas. É uma invenção. Então, essa combinação entre jardim, cidade e construção é o que nós podemos chamar, portanto, de experiências brasileiras com arquitetura.

I-S A presença do Rio de Janeiro...

Sim, porque a natureza lá é absolutamente impressionante. Os Dois Irmãos, os granitos... Essa geografia energética do Rio de Janeiro é uma maravilha. E obrigou a cidade, apesar de tudo, a ter esse encanto particular, que são os seus jardins intocáveis. Pois você não constrói naqueles declives mais acentuados, como na Gávea, por exemplo. Essa natureza ficou em cima da cidade, como se fosse um evento inesperadamente revelado.

Antes de se fazer o aterro do Flamengo, o mar chegava ali na rua do Passeio. Mas fazer esse contraponto com a natureza, afinando aquela grande faixa, foi um exercício de inteligência, como um desmantelamento racional, antecipando aquilo que aconteceria fatalmente ao longo de muito tempo. Portanto, se tivéssemos que construir a cidade do Rio de Janeiro hoje, suponho que nada tivesse sido feito ainda, não faríamos palacetes, mas obras de consolidação do lugar, e a cidade surgiria a partir daí. Me lembro de Le Corbusier. Como é espantoso que, tendo estado tão pouco tempo no Rio, ele tenha feito aqueles desenhos — como fez também, aliás, no caso de Argel. Seus desenhos têm uma visão tectônica, de consolidação. Como quem diz: "Assim poderíamos fazer a cidade, estabelecendo uma cota que se pode chamar de ideal, para se poder ver o mar". A partir dali, ele não está mais interessado se o prédio terá dez, quinze ou doze andares, pois essa escala, diante da natureza, é irrelevante. Ele imagina uma construção que se mantém sempre na horizontal, porque está diante do mar, que é um instrumento de nível por excelência. "C'est un dispositif fait de dessins imprévisibles de la vie".

I-S Você fala sempre da cidade e da natureza, das transformações técnicas. Me ocorre uma certa maneira de tratar os materiais: ligada a uma tendência atual, digamos, que poderíamos chamar de neocológica.

Tudo isso são valores que, na arquitetura, vão muito além daqueles que a história mostrou com grande beleza, mas que representam

**"Não é que a beleza seja a técnica, mas é que a técnica revela aquilo que penso."**



ao modo como as observei. O que nada tem a ver com o desejo de sistematização dessas observações, como ocorre na ação acadêmica, ou na teoria da arquitetura. O que, de fato, parece ter acontecido é que, a partir dos anos 1950 — há de se imaginar o fim da guerra — tem-se a impressão de que tantos destaques para momentos da arquitetura, principalmente nos últimos anos, são destaques inevitáveis para uma classificação mais teórica, mais elaborada. Mas, segundo minha observação, o que parece ter acontecido fundamentalmente é que sempre se deu o mesmo andamento da arquitetura, interrompido, às vezes, por fatos. E o extraordinário da própria história do mundo.

→ Portanto, é essa velocidade das comunicações que tornou a questão da arquitetura como se fosse alguma coisa existente, no âmbito de um seminário, de um simpósio, de um congresso mundial permanente. Assim, o que se chama de surto de modernização na arquitetura brasileira dá a impressão de que não foi outra coisa senão o aparecimento desse cenário. Os intelectuais, a *intelligentsia*, um pessoal mais atento e, principalmente, a questão do ensino da arquitetura que mobilizava uma reflexão, tornavam necessária a reflexão. Diante disso, as possibilidades da técnica e os urgentíssimos desejos das populações para construírem o seu próprio habitat.

→ Para os brasileiros, naqueles anos, a construção de Brasília teve uma importância muito grande. Como um estímulo, na medida em que inaugurava a questão um tanto difusa que era construir a cidade de uma maneira exemplar. Façamos uma cidade! Porque sim! No interior do continente, para contrariar, inclusive, um aparente destino imposto até pela questão do colonialismo, pela política colonial de habitarmos sempre a costa. Na verdade, essa interiorização ou internalização da reflexão brasileira sobre a possibilidade da riqueza desses territórios remotos, a imensidão do continente, levou, também necessariamente, a uma reflexão sobre a América Latina. Essa condenação de sermos costa atlântica contrária aos países da costa do Pacífico. O que representaria unir Atlântico e Pacífico, discutir a espacialidade continental. Obrigatoriamente, com suas instalações humanas. Ferrovias, navegação fluvial, coisas assim. Diante de um continente vazio, saqueado de forma brutal, o

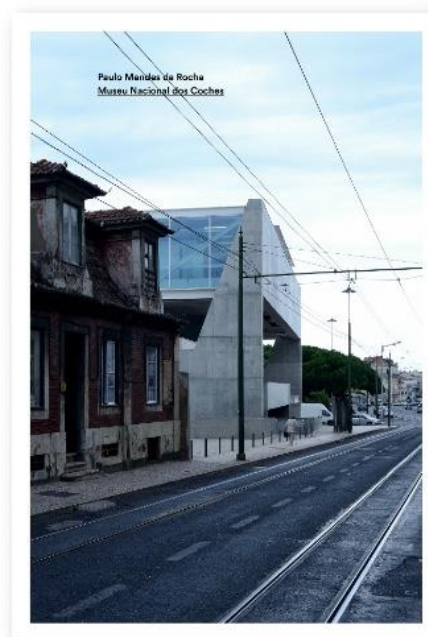
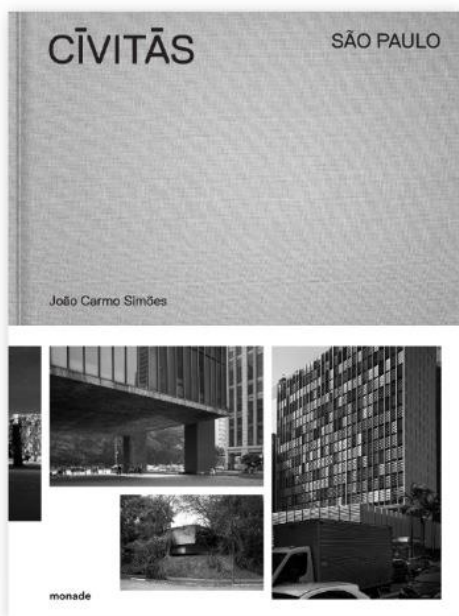
— Residência Gerber, Angra dos Reis, Rio de Janeiro, 1973 — 1974

Apoio:

Itaú  
cultural

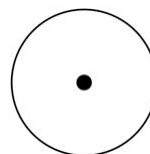
---

Sugestões



[encomende aqui](#)

[www.monadebooks.com](http://www.monadebooks.com)



*Copyright © 2018 MONADE, All rights reserved.*  
(ed.) Daniela Sá, João Carmo Simões

Our mailing address is:  
MONADE  
Rua Rodrigues Sampaio 19, 5B  
Lisbon 1150-278  
Portugal

